

#cm

2

QUARTA-FEIRA

FBC celebra 20 anos de estrada com turnê pelo país PÁGINA 4	Selton e Seu Jorge chegam à TV com 'Soundtrack' PÁGINA 6	Projeto digitaliza a memória do Teatro Oficina PÁGINA 8
--	---	--

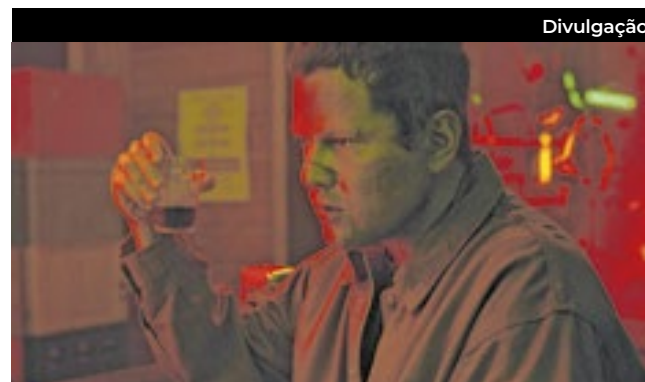


A hora do  
Capeta

Por RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Na última semana os amantes de narrativas de terros entraram em clima de euforia e ansiedade com a divulgação do trailer de “Pânico 7”, que só chega às telonas brasileiras em 26 de fevereiro. Enquanto isso incursões nacionais nas veredas do espanto vão ganhando espaço como os recém-estreados “A Própria Carne”, de Ian SBF, e “Enterre Seus Mortos”, de Marco Dutra. O thriller macabro com CEP de Santa Catarina “Virtuosas”, de Cíntia Domit Bittar, conquistou o Prêmio Netflix na 49ª Mostra de São Paulo, num indício de que... se Deus é brasileiro... o Diabo também quer sua cidadania. Nesse ínterim, o circuito Estação dedicou salas de seus complexos na Gávea e em Botafogo para a mostra Terrível, que termina nesta quarta-feira (5). Continua na página seguinte

# Terror em tempo de apogeu nas telonas



Divulgação

O tom avermelhado da fotografia traduz o ambiente diabólico que cerca Edgar (Selton Mello) na Abalurdes de 'Enterre Seus Mortos'



New Line

Amy Madigan é a assustadora tia ligada a forças sinistras de 'A Hora do Mal', mina de ouro da vez



Divulgação

Um fazendeiro sem nome (Luiz Carlos Persy) assombra as fronteiras entre o Brasil e o Paraguai do século 19 em 'A própria Carne'

Essa euforia criativa do país pela estrada do assombro está em sintonia plena com a fase de apogeu que o terror vive com sucessos a granel, mas em especial na sofisticação de suas narrativas, cada vez mais politizadas. Que o digam as sessões apinhadas de "O Telefone Preto 2", com um apavorante Ethan Hawke, cuja receita hoje caminha para US\$ 150 milhões. Quem arrecadou o dobro disso foi "Pecadores". Consagrada como obra-prima no primeiro semestre, essa trama antirracista com vampiros, dirigida por Ryan Coogler, hoje desponta como potencial concorrente ao Oscar, assim como "A Hora do Mal", que pode render uma estatueta para Amy Madigan, no papel de uma bruxa danada de ruim.

Esse burburinho de prêmios cresce com o fracasso gradual dos longas-metragens de super-heróis, filão mais rentável do cinema desde 2008, com a gênese do Marvel Studios. O abalo de renda desse setor abriu espaço nobre para outros exercícios pop e, diante das crises simbólicas (e guerras) planeta afora, o medo começou a driblar a concorrência. Novas franquias nascem e velhos rostos do pavor regressam, como é o caso de Ghostface, o assassino da saga "Pânico", que voltou a rondar o YouTube com o trailer da sétima parte dessa cinesérie, trazendo Neve Campbell e Courteney Cox no elenco.

Anos depois de sobreviver a múltiplos ataques de Ghostface, Sidney (papel de Neve) construiu uma vida tranquila numa nova cidade. Quando um novo assassino mascarado começa a atacar sua comunidade, seu maior pesadelo volta a ganhar forma, e sua filha, interpretada por Isabel May, torna-se um alvo. Para proteger a família, Sidney tem de enfrentar de novo o assassino mascarado que quizilou sua adolescência.

Quem também há de ganhar mais um filme é a franquia "Invocação do Mal" ("The Conjuring"), cujo quarto título, batizado no Brasil com o subtítulo "O Último Ritual" ("Last Rites"), explodiu no gosto do povão. O gasto de US\$ 55 milhões do projeto, supervisionado pelo Midas do terror James Wan (de "Jogos Mortais"), foi mais do que compensado numa receita que, hoje, beira US\$ 490 milhões – sendo que suas sessões seguem lotadas.



Blumhouse

Ethan Hawke esbanja vilania e horror em 'O Telefone Preto 2'



Divulgação

Um retiro VIP para mulheres em busca de sua melhor versão ganha ares macabros em 'Virtuosas'



Divulgação

Em 'Pecadores', o diretor Ryan Coogler parte do terror para escancarar o racismo

A tetralogia "The Conjuring" se baseia nos feitos reais do casal Warren, a sensível Lorraine Rita (1927 - 2019) e o demonologista Edward Miney (1926 - 2006), que investigaram a veracidade de casos paranormais, sendo alguns ligados a manifestações de diabos na Terra. Wan dirigiu os dois filmes iniciais. O primeiro, lançado há 12 anos, custou US\$ 20 milhões e faturou cerca de US\$ 320 milhões. O segundo, de 2016, periga ser a maior obra-prima do filão horrorífico do século XXI. Custou US\$ 40 milhões e contabilizou US\$ 322 milhões, além de lançar dois vilões que ganharam spin-offs rentáveis: a boneca encapetada Annabelle e o trem-ruim A Freira.

Lorraine e Ed, interpretados numa alquimia plena por Vera Fámiga e Patrick Wilson, são heroicos, usando a paranormalidade e a palavra de Deus como armas. Em "O Último Ritual", a calma que desejam abraçar é interrompida por espíritos zombeteiros presos num espelho.

No próximo dia 13, a sanha diabólica do circuito há de se ampliar com "Sombras no Deserto" ("The Carpenter's Son"), que tem como chamariz Nicolas Cage. Seu enredo se desenrola no Egito antigo, onde uma família vive escondida, tentando escapar de um passado que não pode ser revelado. Entre as areias, o Carpinteiro (Cage), sua esposa (FKA twigs) e o Menino (Noah Jupe) sobrevivem entre a fé e o medo de serem encontrados. Quando uma presença sombria cruza seu caminho, o Menino começa a questionar tudo o que acredita, despertando forças que nem ele é capaz de compreender. À medida que seu dom cresce, o confronto do sagrado com o desconhecido se inicia.

Com lançamento em streaming agendado para sexta, na Netflix, "Frankenstein", que pode dar uns Oscars a mais a Guillermo Del Toro, expande sua carreira em telona. A atuação antológica de Jacob Elordi como o Prometeu de Mary Shelley (1797-1851) é um ímã de elogios. Ainda nesse terreno dos medalhões que se dignaram a espantar plateias, "Tubarão", de Steven Spielberg, segue em salas, na comemoração dos 50 anos de sua estreia.



Sérgio Rosa/Divulgação

# O CINEMA NEGRO BRASILEIRO DIZ PRESENTE!



*Tony Tornado foi o grande homenageado da noite por sua inegável contribuição à arte negra no país*

Sexta edição do Cinema Negro em Ação premia produções de todo o país e homenageia Tony Tornado com troféu que leva nome de pioneiro Odilon Lopez

Por Affonso Nunes

**A** produção, produção, memória e futuro do cinema negro no Brasil foi celebrada na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, durante a sexta edição do Festival Cinema Negro em Ação, encerrado no último fim de semana. Realizado pela Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul, através do Instituto Estadual de Cinema, o evento consolidou-se como plataforma de visibilidade para narrativas e talentos negros do audiovisual nacional.

O ponto alto da cerimônia de encerramento foi a homenagem a Tony Tornado, figura emblemática da cultura negra brasileira. O cantor, ator e precursor da black music no país recebeu o troféu Odilon Lopez, que leva o nome de outro pioneiro fundamental do cinema negro brasileiro. “Eu fico muito emocionado, lisonjeado. Sinceramente, nem sei se sou merecedor, mas em nome de todos que acreditam na nossa missão (dos artistas negros), nós vamos continuar porque a vitória é certa. Ainda tenho cinco anos para fazer 100 anos”, declarou o homenageado, aos 95 anos, demonstrando a vitalidade e o compromisso que marcam sua trajetória de décadas dedicadas à arte e à luta antirracista.

A celebração estendeu-se para além da cerimônia oficial. Logo após receber o troféu,

*A produção baiana ‘Quem é Essa Mulher’, de Mariana Jaspe, venceu o Prêmio de Melhor Longa*



*Corpo Fechado Produtora/Divulgação*

Tony Tornado subiu ao palco da Travessa dos Cataventos para um show que lotou o espaço.

A programação do festival comprovou a vitalidade da produção audiovisual negra, com destaque para realizadores de diferentes regiões do país. A Bahia sobressaiu-se ao conquistar os principais prêmios das categorias longa e curta-metragem. “Quem É

Essa Mulher”, dirigido por Mariana Jaspe, levou o troféu de melhor longa, enquanto “Nevrose”, de Ana do Carmo, venceu como melhor curta.

Outras regiões também marcaram presença no pódio do festival. O Maranhão foi representado pelo videoclipe “Herança”, assinado pela dupla Micah Aguiar e Jonas Saka-

moto, que conquistou a categoria específica do formato. Já o Rio de Janeiro teve sua produção reconhecida através de “Ao Mar... Devolvo o Sal das Nossas Lágrimas”, videoarte de Giuliano Lucas que integra a safra de 2025 e explora linguagens experimentais do audiovisual. São Paulo recebeu menção honrosa com “Dia de Preto”, curta-metragem dirigido por Beto Oliveira.

O festival reservou espaço para valorizar a produção audiovisual gaúcha através dos prêmios Destaque RS, que reconheceram talentos locais em diferentes frentes criativas. Crystom Afronário foi premiado por sua direção no curta “Aconteceu à Luz da Lua”.

Valéria Barcellos conquistou o prêmio de melhor atriz por sua atuação em “Mãe”, curta de 2025 dirigido por João Monteiro.

Além das mostras competitivas, o festival investe na formação e no desenvolvimento de novos projetos através do Sopapo Lab, laboratório de consultoria que ofereceu oportunidades para realizadores negros aprimorarem seus trabalhos em desenvolvimento. Cinco projetos foram contemplados com prêmios que incluem consultorias especializadas, passes para eventos de mercado e cursos profissionalizantes. Entre os contemplados estão “Morada das Lágrimas”, longa de ficção da maranhense Nádia Maria que recebeu consultoria da Casa de Cinema de Porto Alegre; “Alguns Nomes Ainda Queimam”, projeto dos gaúchos Alexandre Mattos Meireles e Chico Maximila que conquistou consultoria do DiALAB e credencial para o mercado Entre Fronteiras de 2025; e “Quase Vira”, longa de ficção da carioca Luana Arah que ganhou consultoria com a empresa Tomun. A animação “A Raiz Arandu”, da porto-alegrense Viviane Juguero, foi premiada com passe para cursos do Instituto Akamani. Todos os cinco projetos ainda receberam consultoria da Paradiso Multiplica, assim como a série “Anjos de Fogo”, de Adry Silva.

Fora da mostra competitiva longas como “Malês”, de Antonio Pitanga, e “Kasa Branca”, de Luciano Vidigal, foram exibidos na programação do festival.



Por Lanna Silveira

**E**m 2025, o artista FBC - um dos nomes mais proeminentes do hip hop brasileiro - celebra seus 20 anos de carreira em uma turnê nacional, “FBC: 20 Anos”, cujo repertório da turnê passa pelos grandes sucessos do cantor desde o lançamento de seu primeiro álbum solo, em 2018, até seu último trabalho, lançado neste ano. O rapper mineiro, também conhecido como Padrim ou simplesmente Fabrício, construiu uma carreira repleta de hits, marcada pela versatilidade de estilos e por seu forte posicionamento político.

Apesar de seu primeiro trabalho solo ter sido lançado em 2018, o envolvimento de FBC com a música é mais antigo. Uma das primeiras influências musicais consideradas importantes para seu desenvolvimento artístico foram seus primos, que tinham uma banda punk - da qual FBC assistia a ensaios e gravações. O contato próximo com o rock o fez aprender a tocar bateria, aos 10 anos, e formar a sua própria banda aos 12: um grupo cover do Nirvana.

A afiliação de Fabrício ao hip hop - em especial, ao rap - não surge, inicialmente, por um apreço ao gênero; FBC explica que, após se envolver com grêmios estudantis na época do Ensino Fundamental, que o fizeram ter contato com muitas pessoas engajadas politicamente, ele enxergou, no rap, uma oportunidade de falar sobre os nossos problemas sociopolíticos. Inevitavelmente, acabou se apaixonando pelo gênero e compreendendo todas as implicações sociais do hip hop no Brasil. Essa afeição se formou, de fato, com a entrada de Fabrício na cena urbana do movimento hip hop belo-horizontino: especificamente, no Duelo de MCs, do qual o artista participou regularmente por cerca de oito anos. Com vivência na cena, Fabrício entendeu o rap como um grito de povos marginalizados socialmente, como a comunidade negra e originária.

Na década de 2010, FBC começa a caminhar em direção da profissionalização musical: de 2015 a 2018, o rapper fez parte do grupo DV Tribo, com outros cinco artistas da cena mineira. Entre eles, o rapper Djonga, hoje um dos maiores nomes do rap brasileiro. Após o fim do grupo, FBC lança seu primeiro álbum solo, “S.C.A.”, que já demonstrava as bases principais de sua persona artística: a exploração de estilos do hip hop, unidos a letras afiadas que retratam realidades sociais.

Nos anos seguintes, FBC empilhou lançamentos: “Padrim” (2019), primeiro trabalho a viralizar nas redes sociais; “Best Duo” (2020); Baile (2021), que trouxe FBC ao ce-



Divulgação

promovida por uma população escravizada que conseguiu vencer o regime monárquico. “Revisitar o passado é uma evolução musical”, enfatiza.

FBC também se diz um ouvinte assíduo de todo e qualquer tipo de gênero e estilo musical. A diversidade de seu gosto musical se reflete por toda a sua obra, que apresenta diferentes propostas de experimentar o hip hop e a black music, de forma geral. Enquanto álbuns como “S.C.A.” e “Padrim” exploram marcas de estilo do trap, “Baile” é uma ode ao miami bass que dominava as produções do funk melody noventista. “O Amor, o Perdão e a Tecnologia Irão nos Levar Para Outro Planeta”, por sua vez, brinca com elementos do disco, da house music e do ampiano, remetendo fortemente o soul brasileiro setentista.

Seu álbum mais recente, “Assaltos e Batidas”, marca seu retorno a uma sonoridade mais facilmente reconhecida como hip hop pelo público. Com instrumentais com referência forte ao rap noventista, FBC cita como influências da construção sonora do álbum artistas como Cypress Hill, Lords Of The Underground, Das EFX, Wu-tang Clan e Racionais MC’s - sampleados ao longo do disco. Fabrício faz questão de destacar o papel de Coyote Beatz e Pepito, produtores do disco, na criação de toda a estética que envolve o álbum; tanto na imagem, quanto no som.

Tematicamente, o álbum se estabelece como um grito de revolta do povo brasileiro. A crítica social e o posicionamento político marcam presença em todas as letras do álbum; com destaque para “Você pra Mim É Lucro”, que oferece apoio ao recente movimento da política brasileira que pede o fim da escala 6x1, e “A Voz da Revolução”, que propõe uma postura ativa de resistência da classe trabalhadora ao sistema capitalista.

Mesmo com um lançamento recente, o cantor anuncia para 2026 o lançamento de “Os Porcos Vêm Aí”. O trabalho, que já está finalizado, será o primeiro de sua carreira profissional a explorar o rock, marcando um retorno de Fabrício às suas origens artísticas. Apesar da falta de representação em sua discografia, FBC se declara como um grande entusiasta do gênero.

Uma pequena prévia da proposta a ser apresentada pelo álbum já foi divulgada pelo artista nas redes sociais: um trecho da canção “Canudos”, cujo instrumental flerta com o hardcore, metal e nu-metal. A letra da música, que expõe todas as reivindicações sociais levantadas pela histórica Guerra de Canudos, demonstra a necessidade que o cantor sente em produzir mais um trabalho que dê voz às insatisfações do povo brasileiro.

nário mainstream com hits virais como “Delírios” e “Se Tã Solteira”; “O Amor, o Perdão e a Tecnologia Irão Nos Levar Para Outro Planeta” (2023); e “Assaltos e Batidas” (2025).

### Brasilidade aflorada

O rapper afirma estar em um momento artístico em que a “brasilidade” - tanto no que diz respeito a estilos musicais, quanto a vivências e realidades - está aflorada em seus

trabalhos. Acredita que a arte é um lugar de evolução e explica que o seu processo criativo é altamente influenciado por um processo de estudo constante que faz questão de manter. Estudo que se resume a técnicas musicais, mas que avança sobre conhecimentos gerais e teorias políticas. No momento, por exemplo, conta estralendo “Os Jacobinos Negros”, de C. L. R. James, que explora detalhes sobre a Revolução Haitiana - a única revolta



# Nos labirintos sonoros de Nicole Johänntgen

Por Affonso Nunes

A saxofonista e compositora alemã Nicole Johänntgen desembarca no Rio nesta quarta-feira (5), às 20h, para apresentar no Blue Note Rio seu mais recente trabalho, “Labyrinth II”, lançado em fevereiro. Com uma carreira consolidada que já soma 28 álbuns e prêmios importantes como o “Lichtenburg” (2023) e “Arte do Sarre” (2022), a musicista se destaca por uma sonoridade que desafia as convenções jazzísticas.

Isso por que seu show traz uma formação instrumental pouco convencional: ao lado de Johänntgen no saxofone e voz, o tubista Jon Hansen e o percussionista e baterista David Stauffacher compõem um trio que criativo. A ausência de instrumentos harmônicos tradicionais como piano ou guitarra abre espaço para que os três músicos construam paisagens sonoras densas, onde groove, poesia e improvisação livre se entrelaçam em diálogos imprevisíveis.

“Labyrinth II” dá continuidade ao projeto iniciado em 2023 com o álbum “La-

Trio liderado pela saxofonista alemã se apresenta nesta quarta no Blue Note Rio



Divulgação

A saxofonista alemã Nicole Johänntgen se apresenta em formação incomum de trio com tuba e percussão

byrinth”, gravado ao vivo para a rádio suíça SRF 2. Se no primeiro trabalho a artista já havia estabelecido a proposta de transitar entre grooves dançantes inspirados na era Motown dos anos 70 e passagens experimentais mais radicais, neste segundo capítulo as composições se aprofundam na reflexão sobre o amor, tema que atravessa todo o repertório.

No palco, o trio cria atmosferas que oscilam entre momentos de lirismo contemplativo e explosões rítmicas. E a ideia do labirinto se materializa na dinâmica da performance: os músicos se aproximam e se afastam, convergem para um centro comum e depois se dispersam em direções inesperadas, sempre mantendo a sensação de percorrer caminhos sinuosos onde cada curva reserva uma surpresa.

Além da carreira como instrumentista, Johänntgen se tornou uma das saxofonistas mais influentes nas redes sociais, acumulando milhares de seguidores no Instagram e TikTok. A turnê brasileira de lançamento de “Labyrinth II” inclui ainda passagens por Porto Alegre e Joinville.

## SERVIÇO

### NICOLE JOHÄNNTGEN TRIO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)

5/11, às 20h | A partir de R\$ 60

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

### Para lembrar Emílio

Fabio de Souza retorna ao Manouche com “Mar de Emílio” nesta quarta (5), às 20h30. O show revisita a obra de Emílio Santiago (1946-2013) com interpretações ousadas e reverentes. Acompanhado pela direção musical de Vovô Bebê e músicos como Caxtrinho, Iura Ranevsky e Junior Abreu, Fabio percorre sucessos e raridades do repertório do intérprete, incluindo “Verdade Chinesa”, “Bananeira” e “Sessão das Dez”. O espetáculo reúne canções de Gonzaguinha, Nelson Cavquinho, Marcos Valle e João Donato, entre outros.

Divulgação



### Soul à brasileira

O trio vocal carioca Soul de Brasileiro apresenta o show “Metaverso” no Palácio da Música nesta quarta (5), às 20h. Em formato acústico e intimista, Negra Silva, José Junior e Ge Vieira compartilham suas referências musicais em harmonias que mesclam bossa nova, MPB e soul. Originários da Vila Kennedy, os artistas trazem uma perspectiva contemporânea para a soul music carioca, unindo tradição e inovação. O espetáculo propõe uma experiência sensorial centrada nas vozes singulares do grupo, que se prepara para lançar seu segundo álbum em 2025.



Divulgação

Reprodução Instagram



### Rock em dose tripla

A Audio Rebel recebe três bandas nesta quarta-feira (5), a partir das 19h, em evento que reúne diferentes vertentes do rock alternativo carioca em programação única. O trio EFF (foto) apresenta um formato inédito com apenas uma guitarra, mesclando canções novas e antigas. Yuri e os Terráqueos (YTRQS) traz o repertório de seu disco “Estranho Novo Mundo” (2023), com sonoridade indie e guitarras psicodélicas. Completa a noite a banda Sayal, projeto de rock metamodernista inspirado na lendária formação canadense Sale dos anos 1970.



# Na temperatura da invenção

TV Brasil resgata ‘Soundtrack’, uma pérola com Seu Jorge e Selton Mello que simula o frio do Ártico no Polo de Jacarepaguá, sob a grife dos diretores de ‘Tarantino’s Mind’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Muita água rolou no cinema para Seu Jorge e Selton Mello desde que o curta-metragem “Tarantino’s Mind”, da dupla 300 ML que abriu o Festival do Rio, em 2006. O cantor carioca volta à telona ano que vem em “Geni e o Zepelim”, de Anna Muylaert, depois de ter brilhado no exterior em comédias de Wes Anderson e no papel título do “Marighella”, de Wagner Moura, projetado na Berlinale de 2019. Já o astro mineiro, que vai presentear o Natal dos



Selton Mello em ‘Soundtrack’, hoje na TV aberta

americanos atuando na nova versão de “Anaconda”, dirigiu sucessos (“O Palhaço”), emplacou série popular (“Sessão de Terapia”) e ajudou “Ainda Estou Aqui” a ganhar o Oscar, em fevereiro.

É curioso ver os dois juntos numa segunda triangulação (agora um longa) com o 300 ML em “Soundtrack”, uma iguaria de 2017, pouco vista em circuito, mas resgatada pela TV Brasil. Tem projeção dessa joia às 21h, nesta quarta,

na emissora educativa. Trata-se de uma ave rara da dramaturgia nacional, com a presença de um elenco internacional de peso.

Uma temperatura estimada em 8 graus fazia justiça ao cenário glacial reproduzido nos sets cariocas desse drama existencial, com toque de humor, ambientado na imensidão gelada do Ártico. Uma réplica das estações de pesquisa no gelo foi instalada no Polo do Audiovisual, nas imediações de Jacarepaguá.

Divulgação TV Globo



Betty Gofman se despede da personagem Medéia de ‘Êta Mundo Melhor’

## Foi pro hospício e não volta

Betty Gofman confirma saída de ‘Êta Mundo Melhor’ e deixa fãs da novela frustrados

A atriz Betty Gofman usou as redes sociais para se despedir da personagem Medéia, que ela interpretou na novela “Êta Mundo Melhor”. A atriz confirmou que não tem previsão de retornar ao folhetim assinado por

Walcyr Carrasco e Mauro Wilson.

“Essa foi a minha última cena nessa novela adorável que amei fazer. Medéia foi pro hospício e vai morar pra sempre no meu coração”, disse Gofman na legenda do vídeo que publicou no Instagram. Ela também aprovei-

tou para agradecer à diretora Amora Mautner, à equipe e aos responsáveis pela trama.

“Aos autores também maravilhosos, que escreveram cenas deliciosas pra uma atriz que gosta de fazer humor, se divertir e divertir toda gente brasileira que esta precisando dar

Sob o chão das locações encontravam-se três toneladas de neve sintética, feita de celulose. No espaço, avistavam-se contêineres de pesquisa, inspirados por uma consultoria da Marinha Brasileira.

Além de Selton e Seu Jorge, Ralph Ineson, ator inglês conhecido aqui como o protagonista do filme de terror “A Bruxa” (2015), buscava os holofotes nesse longa de R\$ 8 milhões. A produção é de Julio Uchôa da Ananã, empresa que contabilizou 3,5 milhões de ingressos vendidos pela franquia “SOS – Mulheres ao Mar”.

Na trama, um encasacado Selton vive o artista plástico Cris, um autor de ensaios fotográficos disposto a conseguir material para uma nova exposição ao desbravar a vida no Ártico. Seu Jorge vive o botânico Cao, um dos cientistas que estranham a presença de um artista como Cris.

A concepção visual teve a participação do multiartista visual Oskar Metsavaht, famoso por sua luta em prol da preservação da natureza e da sustentabilidade. Ele trabalhou nas fotos feitas por Cris.

Em busca de realismo, “Soundtrack” contou com imagens captadas na neve da Islândia para dar mais veracidade à sua representação do frio. Acabadas as filmagens, iniciou-se um intenso trabalho de pós-produção, para imprimir a devida força ao vento, à nevasca e todas as intempéries que torna ainda mais árdua a luta em prol da sobrevivência dos personagens. O resultado é um estudo sobre resiliências, de bater o queixo.

uma pausa de vez em quando na tristeza pra rir um pouquinho, porque o nosso humor é o que nos salva”, escreveu.

A publicação pegou muitas pessoas de surpresa, já que acreditavam que a personagem retornaria em algum momento. “Como assim????? A Medéia não vai voltar???? Não acredito, eu amo a personagem, me divirto muito, ela sempre comendo”, escreveu uma internauta.

“Não tô acreditando que a Medéia não voltará! Como ficaremos sem esse talento que nos diverte tanto! Você é puro encantamento e diversão nessa novela! Perfeita! E, se pensam em agradar o público, Medéia tem que voltar!”, concordou outra seguidora da atriz.

Diversos colegas de Betty também se manifestaram nos comentários. “Minha amiga, já estou com saudades!! Você arrasou muito”, escreveu Anderson Di Rizzi. “Que honra estar ao seu lado, Betty!! Volta”, pediu Miguel Rômulo. “Sensacional, maravilhosa e incrível!”, elogiou Eriberto Leão.



Por Affonso Nunes

**Q**uase 16 anos após sua estreia, o monólogo musical “Meu Caro Amigo” retorna aos palcos com a atriz Kelzy Ecard, trazendo um olhar renovado sobre a história recente do Brasil através da obra de Chico Buarque de Hollanda. O espetáculo, que terá apresentação única nesta quarta-feira (5), às 20h, no Teatro Gláucio Gill como parte do “Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias”, foi visto por mais de 20 mil espectadores durante cinco anos de temporada pelo país, sempre com sessões lotadas.

Com direção de Joana Lebreiro e texto de Felipe Barenco, a montagem acompanha Norma, professora de História de 60 anos apaixonada por Chico Buarque, que decide fazer um show para declarar todo seu amor ao ídolo. A encenação brinca com a alternância entre músicas em suas versões originais e outras cantadas ao vivo pela atriz, acompanhada pelo pianista João Bittencourt. Mais de 30 clássicos do compositor compõem a trilha sonora que se torna o fio condutor da narrativa.

“Sou muito fã do Chico, desde a adolescência. Ele foi - e é - trilha sonora de vários momentos da minha vida. Outro dia me peguei chorando vendo alguns vídeos dele e de outros artistas, por causa da beleza e grandiosidade da sua obra. Foi lindo o trabalho que fizemos de trazer a peça pros dias de hoje. Afinal, 15 anos se passaram pra nós, era inevitável ter outro olhar”, disse Kelzy ao Correio em janeiro deste ano, durante temporada no Teatro Sesi Firjan.

Na trama, Norma viveu as grandes transformações do país de forma intensa e apaixonada: a infância e adolescência em plena ditadura militar, a luta pela redemocratização com os colegas de faculdade e uma inesquecível história de amor no desbunde dos anos 1980 com as Diretas Já. Mesmo nos momentos mais difíceis, com uma relação familiar conturbada após o falecimento de sua mãe, Norma nunca se sentiu completamente sozinha:



*Kelzy Ecard dá vida à Norma, que se diz a maior fã de Chico*

# A vida com Chico

Musical sobre professora apaixonada pelo compositor e sua obra retorna aos palcos com olhar renovado sobre a história do Brasil

era como se Chico Buarque adivinhasse todos os seus sentimentos e criasse as músicas pensando nela. Agora, aos 60 anos, ela decide realizar um sonho acalentado desde menina: homenagear seu ídolo e cantar a trilha sonora de sua vida.

“Sempre foi marcante para a gente ver as pessoas voltando ao teatro trazendo outras - muitas vezes pessoas da família, de outras ge-

rações. Isso é algo que me encanta no teatro, espetáculos que toquem em temas de memória coletiva e que promovam encontro de gerações. Esta volta é uma celebração à força e afetuosidade deste espetáculo. Percebemos que a peça continua muito impactante - algumas cenas referentes à época da ditadura continuam completamente atuais. São reflexões políticas e sociais que a

gente se faz até hoje”, comenta a diretora.

Para esta remontagem, o autor Felipe Barenco acrescentou cenas que remetem à história mais recente do país. A vida de Norma é contada de 1966 a 2016, abarcando cinco décadas de transformações políticas e sociais. “Após 15 anos da estreia e por tudo que vivemos no país, politicamente falando de lá para cá, o espetáculo ganhou uma atualidade absurda. Tive a oportunidade de rever o texto com mais maturidade e acredito que o espetáculo retorna ainda mais forte e com toda a afetuosidade que conquistou o público. Todos os conflitos são apresentados pelo filtro familiar. Em tempos de tanto ódio, é uma peça que fala de amor”, acrescenta Felipe.

A obra do Chico atravessa décadas da história brasileira, uma autêntica crônica musical de transformações políticas, sociais e comportamentais. Das canções de protesto velado durante a ditadura militar às reflexões sobre amor, cotidiano e memória, o repertório do

artista oferece um retrato multifacetado do país.

A estrutura do monólogo musical permite que a atriz transite entre a interpretação dramática e a performance musical. Para quem viveu os períodos retratados, o espetáculo é pura memória coletiva. Para as gerações mais jovens, oferece acesso a um período histórico fundamental através da perspectiva afetiva de quem o atravessou.

O retorno do espetáculo destaca a permanência da obra de Chico Buarque como ferramenta para se compreender o Brasil. Em tempos de polarização política e ataques à democracia, as reflexões políticas e sociais do texto mostra que muitas das questões enfrentadas nas décadas passadas permanecem sem resolução definitiva.

## SERVIÇO

### MEU CARO AMIGO

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, S/Nº - Copacabana)

5/11, às 20h

Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



# Oficina ontem, hoje e sempre

Grupo criado por Zé Celso Martinez Corrêa tem três décadas de sua história convertidas para o digital

Por André Marcondes  
(Folhapress)

Um sobrado no tradicional bairro do Bixiga, em São Paulo, guarda um tesouro da cena cultural brasileira em processo de transformação digital. Enquanto preserva fisicamente mais de 3 mil figurinos - que incluem peças criadas por Lina Bo Bardi, Clóvis Bornay e Hélio Oiticica -, adereços e objetos de cena das últimas três décadas do Teatro Oficina, a Casa de Acervo Oficina avança na digitalização completa desse patrimônio, graças a um projeto contemplado por edital público.

O acervo físico, que inclui registros de espetáculos emblemáticos como “Hamlet” (1993), “Cacilda!” (1998), “Os Sertões: A Terra” (2002), “O Rei da Vela” (2017) e “Roda Viva” (2019), está sendo meticulosamente convertido em versão digital por uma plataforma desenvolvida pela Universidade de Brasília em parceria com o Instituto Brasileiro dos Museus. A ferramenta permitirá acesso gratuito a todo o patrimônio documental da companhia fundada por José Celso



Divulgação



Jennifer Glass/Divulgação

**Peça clássica do repertório do Oficina desde 1967, ‘O Rei Da Vela’ recebeu montagem atualizada em 2017**



Divulgação

**A montagem de ‘Roda Viva’, de 2019, é outro espetáculo cujo patrimônio será digitalizado**

**Zé Celso vive Antônio Conselheiro na montagem do Teatro Oficina para ‘Os Sertões: A Terra’, encenada em 2002**

Martinez Corrêa.

A atriz Sylvia Prado, envolvida no processo, descreve sua função como ponta entre o físico e o digital: “Nessa nova produção de memória, com o armazenamento, catalogação e conservação dos 30 anos da Uzyna, eu atuo justamente como essa memória ativa, um ‘HD físico’ desses processos, peças e histórias”. Ela complementa: “E vou aprendendo muito com o que é novo, pois a catalogação, para mim, é um processo fascinante, uma organização chique que nos leva adiante”.

Enquanto o trabalho digital avança, a equipe mantém o compromisso com a preservação física. A Oficina de Conservação e Restauração de Têxteis, ministrada pela especialista Cláudia

Nunes, tem formado profissionais para o cuidado material das peças. “Cláudia trouxe para nós não só técnicas, mas uma sabedoria de 40 anos de experiência em projetos de restauração no Brasil e fora do país. Ela já restaurou até mesmo um lenço de Dom Pedro 2º”, afirma o ator Victor Rosa, coordenador-geral do acervo.

Elisete Jeremias, diretora-geral da Casa de Acervo Oficina, enfatiza a dupla natureza do projeto: “O acervo é fundamental não só pela memória, mas porque também alimenta as novas produções. Às vezes, um figurino criado décadas atrás segue entrando em cena. É um patrimônio vivo em expansão constante. Agora, com a digitalização, esse patrimônio ganha dimensão ainda maior, tornando-se acessível para pesquisadores em qualquer lugar do mundo”.

O projeto, com duração de 12 meses e previsão de conclusão para março de 2026, mantém seus três eixos fundamentais: preservação e conservação do acervo têxtil, catalogação digital e adequação da infraestrutura física da casa. As melhorias na segurança patrimonial e prevenção contra incêndios garantem a proteção do material original enquanto avança sua transformação digital.

O Teatro Oficina, um emblemático prédio de São Paulo idealizado por Lina Bo Bardi, é tombado nas três esferas - municipal, estadual e federal - e seu acervo reflete um capítulo essencial da cultura brasileira. O projeto de preservação e digitalização do acervo deve durar 12 meses e tem previsão de conclusão para março de 2026.

A Casa mantém o perfil @casadeacervo.oficina no Instagram e prepara um canal no YouTube para veicular entrevistas e documentários, integrando memória oral ao acervo digital. O trabalho, iniciado em 1992 após um incêndio que atingiu o teatro, consolida-se agora como uma ponte entre a tradição preservada e a inovação digital, garantindo que a história do Oficina permaneça viva.